

Regimes de interação e sentido de Landowski em discursos teóricos fundados na semiótica: um metaestudo

Airton Jordani Jardim Filho 

(Centro Universitário CESUSC – UNICESUSC, Florianópolis/SC, Brasil)

Sandra Ramalho e Oliveira 

(Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil)

RESUMO — Regimes de interação e sentido de Landowski em discursos teóricos fundados na semiótica: um metaestudo — O semioticista francês Eric Landowski desenvolveu um sistema narrativo para analisar como os sentidos das coisas e situações são capturados: os regimes de interação e sentido. Esta elaboração teórica é sofisticada e sua coerência e abrangência são reconhecidas pelos estudiosos da semiótica. No entanto, como aplicar tal teoria no cotidiano, conforme proposto pelo próprio autor? Este estudo adota três textos verbais de semioticistas contemporâneos como objeto, explorando, em um metaestudo semiótico, as categorias dos regimes de Landowski em interações arriscadas, rastreando sentidos que vão além da anestesia sensível do cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE

Regimes de interação. Sentido. Semiótica. Metaestudo. Eric Landowski.

ABSTRACT — Landowski's regimes of interaction and meaning in theoretical discourses based on semiotics: a meta-study — The French semiotician Eric Landowski developed a narrative system to analyze how the meanings of things and situations are captured: the regimes of interaction and meaning. This theoretical elaboration is sophisticated, and its coherence and breadth are recognized by semiotics scholars. However, how can such a theory be applied to everyday life, as the author himself suggests? This study takes three verbal texts by contemporary semioticians as its object, exploring, in a semiotic meta-study, the categories of Landowski's regimes in risky interactions, tracing meanings beyond the everyday sensory anesthesia.

KEYWORDS

Interaction regimes. Meaning. Semiotics. Meta-study. Eric Landowski.

RESUMEN — Regímenes de interacción y sentido de Landowski en discursos teóricos fundados en la semiótica: un metaestudio — El semiótico francés Eric Landowski desarrolló un sistema narrativo para analizar cómo se capturan los sentidos de las cosas y situaciones: los regímenes de interacción y sentido. Esta elaboración teórica es sofisticada, y su coherencia y amplitud son reconocidas por los estudiosos de la semiótica. Sin embargo, ¿cómo aplicar tal teoría en la vida cotidiana, como propone el propio autor? Este estudio toma como objeto tres textos verbales de semióticos contemporáneos, explorando, en un metaestudio semiótico, las categorías de los regímenes de Landowski en interacciones arriesgadas, rastreando sentidos que van más allá de la anestesia sensible cotidiana.

PALABRAS CLAVE

Regímenes de interacción. Sentido. Semiótica. Metaestudo. Eric Landowski.

Das origens, teorias, ramificações e atualizações semióticas

Para que possamos apresentar o metaestudo, ou seja, uma leitura crítica qualitativa de interpretações em três textos relacionados a estudos igualmente qualitativos, usando “parâmetros metodológicos rigorosos, sistemáticos e objetivos”, segundo Barbara L. Paterson (2001), entendemos ser pertinente situar epistemologicamente tanto os textos a serem analisados, quanto o modelo teórico cujos parâmetros serão adotados para a leitura crítica, porquanto todo o conjunto qualitativo, formado pelo modelo de análise e pelos textos com os quais o sistema narrativo é confrontado, circunscrevem-se neste campo teórico. Trata-se da teoria semiótica fundada nas postulações de Algirdas J. Greimas, desenvolvidas por ele e seus discípulos, chamados por ele de “clube dos iguais”, mas nomeados nos meios acadêmicos de “École de Paris”. Com a morte de Greimas em 1992, seus *iguais* se ocuparam de sucessivos estudos e desenvolvimento da teoria e dentre eles, destacamos Eric Landowski, cujas proposições vêm sendo denominadas de *sociosemiótica*.

Como a semiótica chegou até os nossos dias? Uma breve panorâmica, a seguir, é percorrida, convidando o leitor leigo no tema a participar, pretendendo situar teorias semióticas diante dele, bem como este metaestudo em um contexto mais amplo.

Estudos semióticos vêm se espalhando nos mais diferentes países, com diversas matrizes teóricas e a ampliação de seu campo se deve a desenvolvimentos e novas perspectivas de seus estudiosos, bem como a aplicações a objetos de pesquisa os mais distintos. Esta permanente expansão se dá ainda em virtude das demandas pela compreensão e alcance dos fenômenos de linguagem que se mostram como infinitos, em especial com o advento das novas tecnologias e, mais recentemente, da inteligência artificial, já consagrada como IA (e eis aí também um pequeno fenômeno de linguagem).

Santaella (1989, p. 98-109) além da teoria semiótica *peirceana* a qual consagra esta publicação, aponta duas outras “fontes de origem e desenvolvimento dessa ciência”, considerando, portanto, como sendo três as raízes mais profundas da semiótica: a que tem como principal fundamento as teorias propostas pelo lógico-filósofo estadunidense Charles Saunders Peirce; as fontes soviéticas, em que destaca pensadores como o cineasta Sergei Eisenstein, o psicolinguista Lev Vigotsky, o filósofo e linguista Mikhail Bakhtin; o teatrólogo Petr Bogatyrev e o crítico literários e das artes visuais Jan Mukarovský; e a vertente derivada do pensamento do filósofo e linguista suíço Ferdinand de Saussure, considerado o pai da Linguística, e toda uma descendência acadêmica, passando pelo linguista dinamarquês Louis Hjelmslev, Roman Jakobson (este, linguista russo que bebia em ambas as fontes, das duas Europas), o linguista francês Claude Zilberberg e o linguista franco-lituano Algirdas Julien Greimas, o fundador da École de Paris.

Segundo ainda a autora (1989, p. 18), foram “[...] três origens ou sementes lançadas quase simultaneamente no tempo, mas distantes no espaço e na paternidade: uma nos EUA, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental.” Quando exatamente se deu a aurora desses estudos é impossível precisar, já que os fenômenos de comunicação e linguagem se dão no meio social, espontaneamente ou não, sem data marcada, e as observações, discussões e estudos sobre eles são igualmente processuais, portanto, com construção e ritmo próprios. Para efeitos referencias, tenhamos como base a segunda metade do século XIX, tomando para tal a existência de dois de seus pais fundadores, Peirce (1839-1914) e Saussure (1857-1913).

Mais tarde, Winfried Nöth (1996) apresenta os aspectos mais importantes de diversas abordagens semióticas do século XX, além da semiótica *peirceana* a qual se filia. Numa publicação dedicada às principais contribuições teóricas no último século, conforme seu título, “A semiótica do século XX”, o autor faz coincidir cada capítulo com uma das diversas abordagens que conviveram

cronologicamente. Consiste em exceção o capítulo quarto, no qual a matriz estruturalista de Saussure é percebida na obra de estudiosos de outras áreas que não a semiótica, em si, como Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Michel Foucault e Jacques Derrida. Não se trata, portanto, de uma classificação das diversas escolas do século XX, tão somente. Adiante, Nöth aborda, em capítulos subsequentes, os principais pressupostos de Hjelmslev e Jakobson. Findo esse exercício intelectual de síntese, Nöth faz o mesmo com as principais proposições de Barthes e, na sequência, apresenta um resumo sobre a semiótica discursiva de Greimas. Além-se ainda às ideias de Umberto Eco e Charles Morris. Para completar seu panorama da semiótica contemporânea, Nöth aborda, em capítulos distintos, as principais questões atinentes à biossemiótica e à ecossemiótica. Eis então que Nöth, no limiar entre os séculos XX e XXI, não apenas amplia as vertentes semióticas, mas ainda apresenta já como ramificações sólidas as proposições de sucessores dos primeiros semioticistas.

Em 2009 foi publicado, na França, um compêndio organizado por Driss Ablali e Dominique Ducard, edição conjunta de Presses Universitaires de Franche-Comté e Honoré Champion Éditeur: “Vocabulaire des Études Sémiotiques e Sémioloques”. Para além de um dicionário, a obra parte das principais proposições teóricas de três sustentáculos da semiótica, Saussure, Peirce e Hjelmslev, que complementam a apresentação dos organizadores, dando início ao grande capítulo guarda-chuva que destaca cada ramificação das matrizes desenvolvidas no nosso tempo e em plena efervescência investigativa atualmente. Esta publicação reveste-se de um peso maior quando se observa que figuram como autores, tanto dos textos de apresentação quanto dos vocábulos do jargão específico, os seus pesquisadores mais destacados.

A própria École de Paris avançou seus estudos exponencialmente, tanto que os organizadores do “Vocabulaire...” dispuseram os vários desdobramentos com o título de “Semiótica da École de Paris”, tendo como subtítulo a ramificação específica. Assim, fazem parte do “Vocabulaire des Études Sémiotiques e

Sémioloques”: “Semiótica da École de Paris: semiótica da ação”; “Semiótica da École de Paris: semiótica das paixões”; “Semiótica da École de Paris: semiótica subjetiva”; “Semiótica da École de Paris: semiótica tensiva”; “Semiótica da École de Paris: sociosemiótica”; “Semiótica da École de Paris: ethosemiótica”; ou seja, são seis desdobramentos apenas da École de Paris de Greimas, capitaneadas por seus pesquisadores discípulos. Ainda na mesma publicação, constam as Semióticas Textuais, que como a Semiótica da École de Paris, tem seus próprios desdobramentos, mas estes são apenas dois: “Semióticas Textuais: a semiótica textual de Umberto Eco” e “Semióticas Textuais: semioestilística”. Ainda há a presença da Semiótica das Culturas; da Semiologia Interpretativa (de textos e discursos); da Semiologia Interpretativa dos índices; Semiologia da Imagem; Semiologia do Cinema e da Televisão; Sócio-semiótica das Mídias.

Estes dois últimos parágrafos se prestam tanto para que se tenha uma ideia dos âmbitos de atuação da teoria, quanto para se perceber o quão rapidamente há a adesão de novos pesquisadores e a geração de aprofundamentos do conhecimento e da inclusão de novas perspectivas, considerando-se a morte de Greimas em 1992. É importante também lembrar que estes desdobramentos se referem apenas ao tronco da semiótica da Europa ocidental, reportando-nos às três matrizes iniciais de Santaella (1989).

O sistema narrativo de Eric Landowski

Descendente da École de Paris, um dos iguais de Greimas, Eric Landowski é dos mais profícuos intelectuais desse grupo, com extensa produção publicada em francês e português, resultado de sua atuação no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), em Paris, e como Professor Visitante na Pontifícia Universidade Católica/PUC de São Paulo, além de conferências em diversos países.

Landowski é conhecido por suas contribuições significativas à teoria da semiótica, particularmente no desenvolvimento dos regimes de interação e sentido.

Seus trabalhos exploram como as interações humanas e os fenômenos sociais produzem e capturam significados, oferecendo um modelo teórico sofisticado e abrangente. Sua relevância reside na capacidade de aplicar suas teorias a diversas áreas do conhecimento, incluindo comunicação, sociologia e estudos culturais, tornando suas proposições ferramentas valiosas para a análise de práticas interacionais e fenômenos do cotidiano. Na base de sua edificação teórica está o sentido das coisas e da vida, ou a captura do sentido. Para tanto, ampliou os regimes através dos quais o sentido é apreendido por meio das interações, entre as pessoas ou entre as pessoas e as coisas da vida.

Segundo Landowski (2004, 2014a, 2014b, 2017) as interações se dão através de regimes, os quais suscitam a emergência dos sentidos, tanto “sentido” na acepção de sensações, quanto “sentido” como significações. Esta teoria, dos regimes de interações e sentido, segundo Fiorin (2014), complementa os desenvolvimentos até então da Semiótica Discursiva, segundo os quais o nível narrativo era o patamar adotado como “elegante, simples e universal” (Fiorin, 2014, p. 7).

Necessário se faz, aqui, localizar o valor que a Semiótica Discursiva atribui ao nível narrativo. Trata-se de um dos três níveis do Percurso Gerativo de Sentido. O primeiro nível, mais profundo, é o nível fundamental, constituído pelas estruturas profundas de significação, ou seja, pelos dois termos contrários e suas relações. O nível seguinte é o narrativo e é a este que Fiorin (2014) se refere para situar os regimes de interação propostos por Landowski (2014).

Nível fundamental e nível narrativo definem a instância semio-narrativa da geração do sentido. Em um último plano de análise a semiótica define o nível discursivo, responsável pela concretização dessa instância geral e abstrata em um enunciado particular (Pietroforte, 2004, p. 19).

Segundo Fiorin (2014, p. 8), no livro intitulado *Interações Arriscadas*, “Landowski mostra que não existe um modelo de narratividade, mas quatro”. Ainda segundo ele, há um regime de interação governado pela regularidade (programação), um, pela casualidade (acidente); um, pela não regularidade

(ajustamento) e um, pela não casualidade (manipulação). Fiorin(2014, p. 8) afirma, ainda: “como se observa, Eric Landowski não destruiu o modelo de narratividade descrito por Greimas, mas, fazendo um rigoroso cálculo de probabilidades, mostrou que ele é uma das possibilidades, entre outras, da narratividade”.

A programação é o modelo em que o estado resultante da transformação é o efeito de uma causa anteriormente prevista. É o regime da previsibilidade, da “normalidade”. Landowski (2014b, p. 22) afirma:

Semioticamente falando, para que um sujeito possa operar sobre um objeto qualquer, é necessário que tal objeto esteja ‘programado’; mas a noção de programação remete à ideia de ‘algoritmo de comportamento; e finalmente, essa ideia se traduz, em termos de gramática narrativa, na noção precisa de papel temático. Um aparelho eletrônico, por exemplo, tem um ‘programa’, um animal seus ‘instintos’, um artesão seu ‘ofício’, e assim sucessivamente: outros tantos papéis temáticos que não apenas delimitam semanticamente esferas de ação particulares, mas que, em certos contextos, permitirão antecipar nos mínimos detalhes os comportamentos dos atores (humanos ou não) que deles são investidos.

No modelo canônico, consagrado sob o título de Percurso Gerativo de Sentidos, a manipulação, no seu sentido amplo, era o processo, por excelência, adotado para que se desse a narratividade, ou seja, a transformação entre dois estados. Frise-se que o sentido de manipulação para a semiótica, não é aquele largamente utilizado pelo senso comum. O simples ato de retribuir um aceno de mão ou, até mesmo um sorriso, é movido por manipulação. Segundo Barros (1999), a manipulação se apresenta em quatro grandes classes: a provocação, a sedução, a tentação e a intimidação. A autora utiliza a relação mãe e filho para ilustrar como cada uma dessas classes funciona:

Tentação: Se você come tudo, a mamãe leva você para ver o filme da Mônica. *Intimidação*: Coma tudo, senão você apanha! *Provocação*: Duvido que você seja capaz de comer todo o espinafre! *Sedução*: Você é um menino tão bonito e que gosta tanto da mamãe, você vai comer tudo, não é? (Barros, 1999, p. 29).

O ajustamento é o modelo em que os parceiros da interação, sentindo a maneira de agir um do outro, vão construindo *in fieri*, ou seja, no ato, os princípios da relação.

No ajuste há uma dinâmica própria dos atores, e a interação emerge dela mesma, no co-atuar de seu co-participante. O ajuste então é alicerçado na co-presença sensível dos actantes, face a face ou corpo a corpo, não há, portanto, uma adaptação entre um ator ao outro [...] nem em sentido inverso. No ajuste, a interação é entre iguais, a capacidade de sentir-se reciprocamente, que Landowski chama de competência estética. [...] A interação não se baseia em fazer crer, mas em fazer sentir e não na persuasão entre inteligências, mas no contágio de sensibilidades (Rebouças & Ramalho e Oliveira, 2010, p. 91-92).

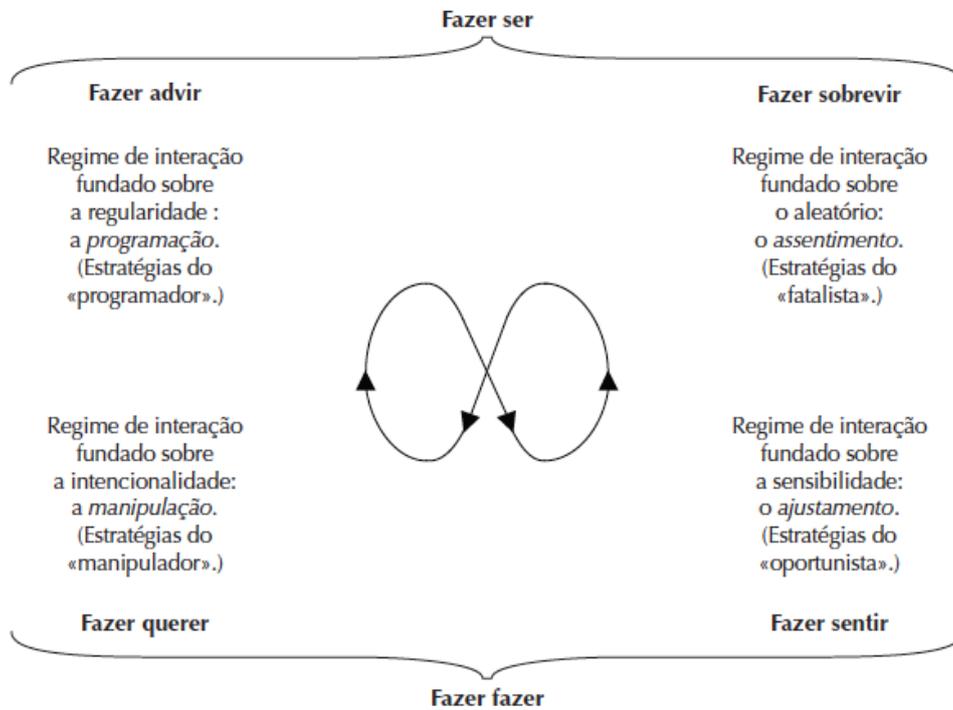
O acidente ou acaso é o modelo que trata dos acontecimentos que, por sua natureza, escapam a qualquer determinação. Landowski (2014b) traz aqui, como exemplos, os terremotos, o raio e os ciclones. Segundo ele, como são fenômenos que independem de programações bem conhecidas, tampouco dependem de manipulação ou ajustamento, foram deixados de fora do campo da interação, por assim dizer. Ainda assim, segundo Landowski (2014b, p. 70),

eles continuam fazendo parte das contingências da vida prática, e, ademais, os princípios de articulação semiótica que permitem dar conta deles pertencem à mesma rede de conceitos que definem os três regimes de sentido e de interação já descritos.

O autor lembra, inclusive, dos acidentes da vida corrente, dando como exemplo todos os fracassos que são atribuídos à má sorte, quando um processo de programação, de manipulação ou de ajustamento sai mal.

É dessa forma que Landowski (2014a, p. 15) entende que “novas possibilidades se abrem para dar conta da diversidade de modos de apreensão do sentido na interação e tentar construir uma teoria geral”.

Figura 1 – Resumo esquemático da teoria geral proposta por Landowski



Fonte: Landowski (2014a, p. 15).

Landowski (2014a) demonstra neste quadro como os regimes de interação formam um sistema e, além disso, como o sistema oferece a possibilidade de que esses regimes se articulem e se combinem entre si. Segundo ele (2014a, p. 15) “as quatro fórmulas às quais se chega permitem dar conta da variedade e do caráter geralmente compósito, híbrido ou polivalente das práticas interacionais observáveis sobre os terrenos os mais diversos”. É possível perceber sua capacidade integradora, e o fato de que ele é capaz de dar conta, além das regularidades, dos acidentes da construção do sentido. Landowski (2014a, p. 15) afirma, ainda, que “esse modelo implica uma moral da interação, ou uma ética do sentido”.

Nessa medida, ele convida a uma reflexão nova sobre o papel, o estatuto e a vocação dessa disciplina, a semiótica, a meio caminho entre descrições antropológicas e reflexão filosófica. É neste contexto que a proposição teórica e metodológica de Landowski (2014a) se situa: ampliando as possibilidades de interação e de sentidos para além da manipulação, acrescentando-lhes mais

possibilidades e oferecendo mais ferramentas para que possa analisá-los de forma mais ampla e embasada.

Um metaestudo

Adotando como objeto três textos verbais de semioticistas contemporâneos, buscou-se percorrer, em um metaestudo semiótico, as categorias dos regimes landowskianos, rastreando sentidos para além da anestesia. Metaestudo é um processo investigativo que “produz evidências qualitativas que permitem realizar uma leitura crítica das interpretações nos estudos qualitativos, norteando-se por parâmetros metodológicos rigorosos, sistemáticos e objetivos” (Paterson et al., 2001, p. 10).

Uma equivocada dicotomia entre teoria e prática leva – inicial, mas diretamente – ao singelo entendimento de que as teorias têm sempre pressupostos na realidade observada e, em contrapartida, sua validade deve ser sucessivamente testada, para efeitos de validação, de alteração ou expansão. Isto, dentro de uma visão cartesiana de ciência que, entretanto, pode ser expandida ou metaforizada para outras concepções de estudos acadêmicos.

Isto busca, de certo modo, justificar a adoção dos pressupostos de Eric Landowski, sumarizados anteriormente neste artigo, para examinar como se desenrolariam os regimes de interação e de sentidos aplicados a textos verbais que tratam, reiteradamente, de aspectos da teoria sociosemiótica.

Optamos por selecionar, para a aplicação nos textos qualitativos norteados pelos parâmetros metodológicos de Landowski, dois artigos e um texto de apresentação de um livro, todos de autoria de uma nova geração de semioticistas brasileiros. São eles Analice Dutra Pillar, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Marc Barreto Bogo, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, e Murilo Scóz, da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC.

Esta última escolha é uma homenagem ao seu autor, Murilo Scóz, líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Semióticos Transdisciplinares (NEST –

CNPq), que nos deixou em 2020. Trata-se da Apresentação da coletânea de pesquisadores do NEST, intitulado Ressonâncias Semióticas, lançado após o seu desaparecimento, sendo este texto sua última produção escrita. O artigo de Marc Bogo, intitulado “O projeto gráfico de *Primeiro Amor* à luz da semiótica plástica” foi apresentado na 6ª. edição do “Seminário Leitura de Imagens: múltiplas mídias”, igualmente promovido pelo NEST e consta de seus anais online, hospedado no site da UDESC. O artigo “Leituras de narrativas audiovisuais na educação e a constituição do gênero feminino na infância” de Analice Dutra Pillar, por seu turno, foi publicado no volume 16, número 38, da Revista Palíndromo, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, do Centro de Artes da UDESC.

A proposta do uso dos regimes de interação de Landowski para análise de textos verbais escritos com fundamentos semióticos já havia sido desenvolvida anteriormente, na disciplina Leitura de Imagens do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/PPGAV da UDESC.

Interações em “Leituras de narrativas audiovisuais na educação e a constituição do gênero feminino na infância”, de Analice Dutra Pillar

Em seu artigo "Leituras de narrativas audiovisuais na educação e a constituição do gênero feminino na infância", Pillar discute a importância da leitura crítica das produções audiovisuais na educação e como estas influenciam a construção do gênero feminino durante a infância.

O regime da programação, de Landowski, se reflete na estrutura metodológica do artigo, que segue um percurso bem definido e lógico ao abordar a análise das produções audiovisuais. A autora estabelece um objetivo claro e segue uma sequência detalhada, explicando os fundamentos teóricos, a metodologia de análise e os resultados obtidos.

Para desenvolver uma proposta de leitura audiovisual nos baseamos nos aportes teóricos e metodológicos do ensino de artes visuais, da cultura visual e da semiótica discursiva (Pillar, 2024, p. 4).

Ou seja, a partir dessa abordagem estruturada, em um texto verbal de leitura linear e sequencial, em que a convenção de leitura faz com que o leitor percorra o texto na ordem de leitura em que a autora projetou, é possível identificar o regime de programação na prática, no qual cada etapa é planejada e executada para garantir uma análise compreensiva e sistemática.

Já o regime do acidente é evidenciado na discussão sobre elementos imprevistos e surpreendentes nas produções audiovisuais que provocam reflexões críticas. Pillar menciona como certas escolhas estéticas e narrativas podem causar estranhamento e estimular uma análise mais profunda. Este elemento introduz um fator de surpresa que enriquece a análise ao levar o leitor a questionar e reconsiderar suas percepções iniciais.

O regime de ajustamento tem um papel central na forma como Pillar propõe a interação sensível entre o leitor e o texto. A autora utiliza uma linguagem acessível e envolvente, combinada com exemplos práticos e relevantes, para criar uma experiência de leitura que se ajusta às expectativas e necessidades do leitor.

A música confere, também, requinte e glamour à coleção ao associá-la a França. Vale lembrar que Paris, juntamente com Milão, Nova York e Londres, é considerada uma das quatro grandes capitais da moda, ditando tendências (Pillar, 2024, p. 20).

Este ajustamento sensorial e cognitivo facilita a imersão do leitor no conteúdo, promovendo uma conexão mais profunda com as ideias apresentadas.

Por fim, o regime de manipulação se manifesta na maneira como Pillar guia a experiência do leitor através de seu texto. Ela utiliza estratégias retóricas e estilísticas para orientar a interpretação e a resposta emocional do leitor.

O efeito audiovisual provocado pela montagem mostra que na duração e na frequência há uma dissonância com contrastes visual e musical e que na combinação há uma consonância (Pillar, 2024, p. 21).

Esta manipulação, enquanto regime de interação, garante que a mensagem e os temas do artigo sejam transmitidos de forma eficaz e impactante, controlando a percepção e a compreensão do leitor.

No artigo de Analice Dutra Pillar os regimes de Landowski podem ser aplicados para entender as dinâmicas de significação na forma de escrita. A programação na estrutura do artigo, o acidente nas escolhas surpreendentes de expressão, o ajustamento na interação sensível com o leitor e a manipulação na orientação da experiência de leitura são todos elementos que enriquecem a própria análise semiótica de Pillar.

Interações em “O projeto gráfico de *Primeiro Amor* à luz da semiótica plástica”, de Marc Barreto Bogo

No artigo "O projeto gráfico de Primeiro Amor à luz da semiótica plástica" (2013), Marc Barreto Bogo analisa de forma detalhada o livro "Primeiro Amor" de Samuel Beckett, publicado pela editora Cosac Naify. Por meio da análise proposta neste artigo e, assim como nos demais artigos examinados, vejamos como os conceitos semióticos de Landowski se manifestam na escrita do autor.

A programação, novamente, fica evidente na estrutura meticulosa que Bogo adota para sua análise. Ele segue uma abordagem sistemática ao dissecar o design gráfico do livro, começando pela capa e avançando através do miolo até a contracapa. Marc estabelece claramente seu objetivo: "[...] verificar de que modo o plano da expressão do livro homologa seu plano do conteúdo, e como se relacionam os diferentes sistemas semióticos envolvidos na totalidade de sentido" (Bogo, 2013, p. 71). Este método organizado reflete o regime de programação, no qual cada etapa é planejada para assegurar uma compreensão completa e coesa da interação entre os elementos gráficos e verbais.

Já o regime do acidente é percebido nas reflexões de Bogo sobre elementos inesperados que podem surgir durante a leitura do artigo. Ele frequentemente

introduz conceitos ou aspectos que podem surpreender o leitor, mantendo-o engajado e promovendo uma reflexão mais profunda. Um exemplo, dessas reflexões está na descrição de como a escolha do papel utilizado na capa do livro provoca um estranhamento inicial no leitor: "Ao contrário do usual na área gráfica, esse livro utilizou-se do lado fosco, áspero, do papel cartão, trazendo uma certa rudeza às sensações táteis" (Bogo, 2013, p. 74).

A forma como Marc vai ajustando seu estilo de escrita, para facilitar a interação sensível com o leitor, enquanto esse começa a se "acostumar" com aquele modelo narrativo pode ser visto com um típico regime de interação por ajustamento.

Bogo utiliza uma linguagem clara e exemplos específicos para tornar complexos conceitos semióticos mais acessíveis. "A sensação tátil desse papel é muito mais suave, induzindo o leitor a lidar com o livro de um modo mais delicado, uma qualidade estética que faz o sujeito competente ajustar-se" (Bogo, 2013, p. 76). Esta abordagem permite que o leitor se conecte mais profundamente com o conteúdo, ajustando-se ao ritmo e ao estilo do texto.

A interação por manipulação se apresenta na maneira como o autor estrutura, guiando a experiência do leitor para que ele percorra os caminhos que Bogo deseja, ao ponto de que, ao final da leitura, não haja nenhuma dúvida sobre a validade de sua meticulosa análise.

Ele utiliza uma construção argumentativa cuidadosa, alternando entre explicações teóricas e exemplos práticos para manter o leitor envolvido e direcionar sua compreensão. "A proximidade entre mancha e margem se dá numa maneira até incômoda, claustrofóbica, que causa a princípio certa estranheza" (Bogo, 2013, p. 78). A técnica tem como objetivo principal a condução do leitor por um caminho interpretativo específico, conduzindo-o de maneira sutil através das complexidades do projeto gráfico analisado, e assim garantir que o impacto desejado seja alcançado.

A meta-análise do projeto gráfico de “Primeiro Amor” se configura como mais um exemplo de como os regimes de interação de Landowski podem ser aplicados para entender as dinâmicas de significação.

Interações em “Apresentação” de Murilo Scóz (no livro “Ressonâncias Semióticas”)

Um texto de apresentação de um livro sobre semiótica no design, nas artes visuais e na televisão começando com considerações acerca de um conceito do campo da física? Eis um *acidente*, um dos quatro regimes de interação e de sentido. Este fato, dado o estranhamento, chama o leitor para dar uma atenção mais acurada ao que está sendo proposto. E o autor, buscando, talvez, interação com esse leitor desprevenido para tal fato, continua a explanação do fenômeno físico:

da relação entre uma fonte de origem capaz de atuar sobre uma entidade de destino, e de uma entidade de destino disponível ao contato [...] é o que explica o funcionamento das partículas elétricas em redes de transmissão, o comportamento dos fluidos, bem como a dinâmica dos corpos segundo as leis da mecânica (Scóz, 2019, p. 9).

E segue o autor detalhando o fenômeno, então sobre casos específicos nos quais ocorrem reações que se comportam como reações rítmicas, ou vibrações chamadas pelos físicos de “ressonâncias”. Neste momento, dá-se uma aproximação entre o leitor e o texto, pois lembra a ele o título da publicação: Ressonâncias Semióticas. Mas outro processo de aproximação também já ia se dando paralelamente, decorrente do acompanhamento das explicações do autor sobre os fenômenos físicos, que acaba por gerar uma intimidade entre autor e leitor, por meio do texto. Tal espécie de intimidade amplia a compreensão dos sentidos do texto e a interação que se deu, inicialmente, por conta do estranhamento, agora é da ordem do *ajustamento*.

E é a necessidade de *ajustamento* para a celebração do ato de linguagem que o autor se utiliza para promover outro regime: o da *manipulação*:

para que possa se estabelecer, a ressonância necessita que haja uma correspondência de qualidades modais entre as partes, que como potencialidade, só se deixa acionar na performance de um ajustamento (Scóz, 2019, p. 10).

Landowski não apresenta seu modelo teórico em uma ordem horizontal ou vertical, mas em uma espécie de elipse dupla, cortado por pequenas flexas que passam o sentido de um fluxo, conforme esquema apresentado anteriormente. Isto pretende passar a noção de que a presença dos regimes nos textos, verbais ou outros – já que o constructo é passível de aplicação a todos os atos de linguagem – não são estáticos e não há uma ordem pré-determinada. Isto foi encontrado na Apresentação de Ressonâncias Semióticas: o regime da *programação*, do que é esperado, do óbvio, que geralmente aparece em primeiro lugar num texto de apresentação de um livro, aqui se inicia apenas no quarto parágrafo, em que o autor comunica claramente do que o livro trata:

Ressonâncias Semióticas constitui um esforço interinstitucional, colaborativo e transdisciplinar de investigação das formas distintas de manifestação do encontro entre as categorias analíticas da semiótica de Greimas e diferentes produtos da criação humana (Scóz, 2019, p. 10).

Murilo Scóz termina seu texto sublinhando alguns conceitos semióticos presentes no contexto do NEST e do livro Ressonâncias Semióticas: o risco ou imprevisto, característico do regime de *acidente* e circunstância inerente a movimentos transdisciplinares, resultante da diversidade de objetos de estudo e de modos de pensar. Decorrente disto, o autor registra que os esforços do NEST sempre se deram na busca do *ajustamento* entre diferentes abordagens epistemológicas, além de fomentar a abordagem das práticas produtoras de sentido.

Considerações arriscadas

A análise dos textos de Eric Landowski (2004, 2014a, 2014b, 2017), especialmente no contexto dos regimes de interação e sentido, demonstra a atualidade e aderência de sua teoria em diversas formas de comunicação e

expressão. Através das análises dos textos de semiotistas como Marc Barreto Bogo (2013), Analice Dutra Pillar (2024) e Murilo Scóz (2019), é possível constatar a aplicabilidade e a flexibilidade dos regimes propostos por Landowski na forma de escrita desses autores.

Os regimes de interação de Landowski se mostram eficazes para a análise dos textos teóricos e metodológicos, revelando-se uma ferramenta adequada para entender as dinâmicas de sentido na forma do texto verbal. A análise de Bogo, por exemplo, demonstra como os regimes de interação podem ser usados para desvendar as camadas de significado na construção textual. Pillar aplica os regimes na análise de narrativas audiovisuais e na construção do gênero feminino, enquanto Scóz utiliza esses regimes para apoiar seus argumentos a favor da relevância da semiótica na análise e interpretação das manifestações culturais e comunicativas. Tais análises evidenciam, acima de tudo, a aplicabilidade prática dos conceitos de Landowski em diferentes contextos e estilos de escrita.

Um dos pontos fortes dos regimes de interação de Landowski é sua flexibilidade, permitindo a adaptação a diferentes contextos e tipos de texto. A escrita de Bogo, por exemplo, utiliza o vocabulário específico de cada regime para descrever com precisão as particularidades de sua análise semiótica. Esta adaptabilidade do léxico semiótico permite que os autores apliquem os conceitos de Landowski de maneiras criativas e inovadoras, ajustando-se às necessidades específicas de cada análise. Pillar destaca essa flexibilidade ao aplicar os regimes de interação às narrativas audiovisuais, mostrando como diferentes elementos textuais podem ser explorados sob essas perspectivas.

Os regimes de interação de Landowski não seguem uma ordem fixa ou hierárquica, refletindo a natureza fluida e dinâmica das interações humanas e dos processos de significação. A escrita de Bogo ilustra como diferentes regimes podem emergir e se sobrepor de maneiras variadas dentro de um mesmo texto, sem a necessidade de uma sequência linear. Da mesma forma, Pillar observa que

as interações nos textos audiovisuais também não seguem uma ordem fixa, permitindo uma interpretação dinâmica e flexível dos elementos narrativos. Além disso, a análise de Scóz mostra que os regimes de interação podem surgir em diferentes momentos e contextos, sem uma ordem predefinida. Essa ausência de ordem predeterminada permite uma abordagem mais orgânica e integrada da análise semiótica, capturando a complexidade dos fenômenos estudados.

Dada a eficácia demonstrada na análise dos textos teóricos e narrativas audiovisuais, sugere-se a aplicação dos regimes de interação de Landowski a outras formas de linguagem e objetos de estudo. Isso inclui, mas não se limita a filmes, performances teatrais, arte digital, e até interações sociais e mediáticas. A versatilidade dos conceitos de Landowski pode oferecer insights valiosos em qualquer campo onde a produção e a interpretação de sentido sejam centrais, explorando novas fronteiras e aprofundando a compreensão dos processos de significação.

Referências

- ABLALI, Driss; DUCARD, Dominique. *Vocabulaire des études sémiotiques et sémiologiques*. Paris; Besançon; Honoré Champion Éditeur; Presses Universitaires de Franche-Comté, 2009.
- BARROS, Diana Pessoa Luz de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ed. Ática, 1999.
- BOGO, Marc Barreto. O projeto gráfico de Primeiro Amor à luz da semiótica plástica. In *VI Seminário Leitura de Imagens para a Educação: Múltiplas Mídias*. Florianópolis, 19 e 20 de agosto de 2013.
- FIORIN, José Luiz. Prefácio. In: LANDOWSKI, E. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- LANDOWSKI, Eric. *Passions sans nom*. Paris: PUF, 2004.
- LANDOWSKI, Eric. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. In: *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 27, p 10-20, jun. 2014a.
- LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014b.
- LANDOWSKI, Eric. *Com Greimas: interações semióticas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 1996.
- PATERSON, Barbara et alii. *Meta-Study of qualitative health research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Inc., 2001.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PILLAR, Analice Dutra. Leituras de narrativas audiovisuais na educação e a constituição do gênero feminino na infância. *Palíndromo*, 16 (38). 1-32, fev./mai. 2024. <http://dx.doi.org/10.5965/2175234616382024e0002>.



REBOUÇAS, Moema Martins; RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. "Experiências de estágio como acidentes do cotidiano; ação educativa em espaços culturais". In: FREITAS, Neli Klix; RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. (orgs). *Proposições interativas: arte, pesquisa e ensino*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010. p. 89-106.

SCÓZ, Murilo. Apresentação. In: RAMALHO, Sandra; SCOZ, Murilo; SANTOS, Célio Teodorico dos Santos. *Ressonâncias semióticas*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2019.

Airton Jordani Jardim Filho

Doutor em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) e mestre em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign), ambos do Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEART/UDESC). Especialista em UX Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e em Artes Visuais: Cultura e criação pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/RS). Graduado em Artes Visuais (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Design de Produto pelo Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR). Foi assistente de pesquisa, no final da década de 1990, no Laboratório Eletrônico de Arte e Design (LEAD/UFRGS), grupo pioneiro na pesquisa e desenvolvimento de páginas para a World Wide Web. É membro fundador do grupo de pesquisa CNPq Núcleo de Estudos Semióticos e Transdisciplinares - Linha de Pesquisa Linguagens Visuais (NEST/UDESC) e do Grupo de Pesquisa em Tecnologia, Inovação e Gestão - Linha de Pesquisa Semiótica Aplicada e Experiência do Usuário (GPTIG/UNICESUSC). Foi designer de interface sênior durante 12 anos na Companhia de Processamento de Dados do Estado do Rio Grande do Sul (PROCERGS), a maior empresa pública de TIC do sul do país. Atuou como professor-pesquisador da Universidade Aberta do Brasil (UAB), no Centro de Referência em Formação e Educação a Distância do Instituto Federal de Santa Catarina (CERFEAD/IFSC) e como docente nos cursos de Design Gráfico e Sistemas de Informação da Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos (CARVI/UCS). Foi bolsista de doutorado do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES/UNIEDU), da Secretaria de Estado da Educação (SED/SC). Associado à Anpap - Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas - Comitê de Educação em Artes Visuais / EAV. Associado e Diretor na ADG Brasil - Associação dos Designers Gráficos (Gestões 2015/2017, 2018/2020 e 2020/2022), tendo atuado como Coordenador Executivo da 13a. Bienal Brasileira de Design Gráfico - Curitiba/2019. Foi Coordenador de Design e Programação Visual, na Agência de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina (Agecom/UFSC), entre 2013 e 2022, tendo sido responsável pela implantação desta Coordenadoria na UFSC. É Analista de UX da GNova Comunidades, Diretoria de Inovação/Escola Nacional de Administração Pública (GNova/Enap), UX Researcher na Rede D'Or São Luiz e Professor no Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, no Centro Universitário CESUSC (UNICESUSC). Coordena o projeto de extensão Experiência do Usuário: Práticas Educacionais e Tecnológicas para Desenvolvimento de Interfaces e Serviços Digitais com Foco em Inclusão Social, Empreendedorismo e Impacto Comunitário, na mesma IES. Atuou como consultor ad-hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e da Secretaria de Estado da Educação de SC para avaliação de projetos do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (UNIEDU/FUMDES). É co-autor do livro *Intertextualidades Visuais*, lançado pela editora Estação das Letras e Cores/SP (2021). Experiência na área de Artes Visuais e Desenho Industrial. Principais temas de atuação: Design; Teoria, História e Crítica do Design Brasileiro; Ergonomia; UX Design; Semiótica Visual; Intertextualidades Visuais; Ensino das Artes Visuais.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9459-3334>

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2542156617092220>

E-mail: airtonjordani@gmail.com

Sandra Ramalho e Oliveira

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (1986), é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo (1998), com pós-doutoramento na França, em Semiótica Visual (2002). Pesquisadora e professora da Universidade do Estado de Santa Catarina/UNESC, atua na Graduação, no Mestrado e Doutorado em Artes Visuais como professora e orientadora. É membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Semióticos e Transdisciplinares/NEST - CNPq e, também, é membro da InSEA (International Society of Education through Art), da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte), da AICA (Association Internationale de Critiques d'Art), da ISVS (International Association of Visual Semiotics), do CRICC (Centre de Recherche Images, Cultures et Cognitions) da Université Paris 1- Panthéon-Sorbonne. Pesquisa nas áreas de Semiótica Visual e Ensino de Arte, em escolas e espaços culturais. Entre as publicações, é autora dos livros *Imagem também se lê* (2005;2009), *Moda também é texto* (2007); *Sentidos à mesa - saberes além dos sabores* (2010) e *Diante de uma Imagem*, (2010); também é co-organizadora de *Ensaio em torno da Arte* (2008); *Variante na Visualidade* (2010); *Proposições Interativas: arte, pesquisa e ensino* (2010); *Proposições Interativas II* (2011), *Proposições Interativas III* (2011) e *Desafios do Design* (2014); *Desafios da Pesquisa em Design* (2016); *Proposições interativas IV* (2016). Foi Diretora Geral do Centro de Artes (1998-2001), Pró-Reitora de Ensino (1990-1994) e Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Comunidade (2003). Presidente da ANPAP/Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (gestão 2007-2008), foi agraciada com a Medalha do Mérito Universitário João David Ferreira Lima pela Câmara de Vereadores de Florianópolis e com a Medalha do Mérito Funcional Alice Guilhon Gonzaga Petrelli pelo Governo do Estado de Santa Catarina. Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (2009-2011). Presidiu bancas de doutoramento na Université Paris Diderot - Paris VII (2011) e Universidad de Barcelona (2013). Professora Visitante na Universidade de Girona, Catalunya, España, 2020.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6447-2096>

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0870589343786662>

E-mail: ramalho@floripa.com.br

*Recebido em 25 de outubro de 2024
Aceito em 29 de novembro de 2024*

